

# Jornal de Melgaço

CARNAVAL

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR  
DUARTE AUGUSTO DE MAGALHÃES

SÉDE DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
OFFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
CASA DA CALÇADA-MELGAÇO

DE 1909



UM homem prevenido vale por quinze e prevenir é remediar—attendendo pois á solemnidade do dia... ás oito horas de trabalho, aos insistentes pedidos da nossa empregadagem a quem desejamos conceder dous dias de descanso, a gazeta que se publicava á quinta-feira, como era uso e costume e o uso dá posse, d'esta vez apressa-se a vir á luz da publicidade em terça-feira de entrudo para ter mais graça e as asneiras melhor lhe serem perdoadas. Veio de diligencia, mesmo para mostrar que o progresso já chegou á terra mais apresuntada de Portugal e onde a carroça é tudo. Carroça cheia de lixo em que os camaristas cá da terra se dão ao prazer d'um passeio de Penso a S. Gregorio, alegres como cucus, chatos como pires, esquerdos como canhotos, para gloria do badejo, dos potes e outras quejandas mercadorias. São boas pessoas—amam a musica, sopram ao clarinete e de tanto que bufam alguns ha, com o dito avariadissimo, garantindo-lhe nós que não de tocar á buzina d'esta diligencia—pois para cá vós vindes de carinho—que é como quem diz á buzina do destino. *Ridente cantiga! mores* e a rir vos havemos de castigar a lingua que em massadas d'hora e pico impingis noturnamente mal-dizendo tudo e todos com o velhissimo costume que de longe vem. *Inter syndones*—entre os lençoes não podeis dar largas á maldicencia—que chega para dar e emprestar. Mas quem vos atura, ó bonzos? A turba molle e paciente, de gracinhas feita, e que acreditar-vos parece.

Ela, pois, a gazeta d'esta vez mudou de côr, tras a côr da vergonha é certo mas ageitando uns macaquinhos *hay que mirar-lhos*, attentamente.

E' muito possivel que estes ditos magoem—que a magoa é toda nossa—da estreitesa da vossa generosidade e do apoucamento do vosso intellecto que vos faz cahir n'aquillo que serve de látego para fustigar as ventas de tão desmascarados sêres—e mais estamos em pleno entrudo. E' folião é rapaz, tão folião e tão gaiato que vendo-vos atravez d'um prisma, tão facetado, jámais vos aturou a serio ou vos prestou attentão. Tomar a serio, nunca!—que o que nasce ordinario como tal ha de servir para humus da terra aravel.

Numero de carnaval, folião, trocista, dizendo a verdade nua e crúa, abanando-vos pela aba da jaqueta a que vossos avós chamaram o josesinho de que já não existem modelos nem mesmo no cêsto dos figurinos do *Old England*, verdades puras, verdades santas com que a consciencia se arrepela e os dentes abaaam.

Eis-nos pois na arena, batendo o tacão da bota, desafiando o touro mais bravo, ou o mais feroz javali. Chamando-vos nomes, nomes feios, sujos muito sujos—havels de dar por mal terminada a digestão do almoço obrigado a orelheira com feijão branco.

Se o ridiculo fere, se o ridiculo mata nós queremos ver-vos enterrados até ao pescoco,—mesmo que seja d'aquella cousa que em chegando acima exhalava mau cheiro—para, empunhando a balança onde a culpa tem medida a kilogr. sermos o Gabriel salvador que vos ha de levar a bom caminho.

Doc-vos a chalaça? Paciencia com a dita. Não a tem? fazamos cocegas á roda do umbigo á mingua de coisas más chistosas.

Daes sorte? Pois havemos de distribuir-vos n'uma quete de bilhetes a meio tostão cujo producto revertirá em proveito d'uma caixa economica para sopetrinhas. Que as amaís com a sua bisbilhotice, sarrateiramente apanhando a conversa enquanto se serve á mesa!



**C**audaes de lagrimas, derramadas por esses teus olhos de carneiro mal morto, fazem-me jurar ó lindo Severino, que nunca jámais d'esta terrilha de D. Paterna, te farei cocegas com as minhas gazetilhas.

A paixão que concebêste pela candidinha pessoa do Xavier, obrigou-te a implorar, que te poupêmos, Serás ouvido, mas primeiro hei-de espalhar aos quatro ventos que aqui és conhecido pelo—Vae Torta O' Joanna Adeus Vae Torta, fica em paz.

O.



E' um moínho barato, moeu milho torrado, bolota e fava secca—é do Esteves da Loja Nova e n'elle reduz a pó fino a paciencia de qualquer, capaz de dar um excellente manjar branco. E' o seu pratinho—a adversario que lhe passe á porta, e o caminho para a civilisação, não é outro, tem logo uma péga de cernelha, uma unhada como as sabe dar o Esteves.

Tange o moínho,—se é que o tange,—e moe a paciencia. E não ha que o não tema quem o não arrechie, os proprios inimigos cortejam-o e saudam-o capazmente.

Ha menino que o visita de tres em tres dias com o medo que lhe tem.

Pudera!... elle tange o moínho e coça-os...



—O homem, ria-se, que demonio de cara é essa! Um olhar tão esgazeado, a barba esqualida, a bocca escancarada, será acaso que você devisasse debaixo do seu thalamo nupcial algum esperto ou o *bariador* que ameaçou o Severino?!

—Que dôres de cabeça!... Outras cousas m'affligem.

—Será então a leitura do «Jornal de Melgaço», a gazetilha que lembrasse algum remorso, ou que a patroa comtando com vinte e quatro gallos, só lhe sabissem *dezenove pintainhos*.

—Peior muito pelor!...

—Emparceiraria com el Cura e recolhendo a casa perto das duas, haveria grossa rufadela na pavana?

—Nada d'isso, homem.

—Faria-se você com o Sandim no arranjo das carnes e ficaria lopado? Falle homem, que as verdades ou em letra redonda, ou á beira d'um copo de vinho.

—Li-o Linguarudo, meu amigo, e senti-me mais apertado do que quantos apertos o demonio do macaco tem na berriga

(E as lagrimas inundaram-lhe as faces)

—E sinto-me mal, muito mal!...

—Pois você entorne esse copo e como amonhã é quarta-feira complete o seu jantar com a sessã da camara que o livrará d'esse aperto em que anda habitualmente entalado.

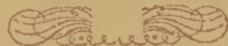
Crela que lhe produz mais effeito que uma purga de *oilo de rigo*.

No dia to estive lá com o Gouveia a vêr se nos fazia effeito, pois andabamos c'o estamago sujo, mas... nada; ficamos roubados. Elles é que se destemperaram e até o Xavier que não queria, tamem gramou a pilula que lhe impurrou o *bariador boticario*. Aquillo é que foi de effeito. Purgaram-se p'ra mais de 15 dias, mas no fim nem á porta se

parava. Cada vêz que sahia um d'elles era tapar o nariz. Ui, homem era um fedôr que impetava tudo.

Uf...

—E' verdade, é. Bem o diz O Linguarudo que a politica está destemperada e bem destemperada!



## OLHAE, CAIVOTAS, O DIABO DE BOTAS...



Minhá gente:

Botas assim jámais alguém as viu,  
Tão feias, tão enormes e brejeiras  
Não são botas; tambem são algibeiras  
Onde vae o tinteiro e o papel  
O Dieulafoy e o Chernoviz antigo,  
Como guia sincero e fiel  
Nas doencas p'ra baixo do umbigo.  
São bem irmãs d'aquellas—que o tal Deus Vulcano  
Na forja dos Destinos, aproveita o cano  
P'ra metter e guardar, a suja ferramenta  
São botas collossaes, com que Deus atormenta  
A humanidade in'eira, o Nirvan e o Nada;  
Botas que por si só, fazem trovoada  
E são p'ra nós, ó coisa: os nossos cuidados  
Pelo medo de sêrmos inda atropelados

Mas ouve; sem sar por mal:  
Vê s'emprestas uma ao mano  
Para passar o Barral!

(o gazetilheiro perdôa o roubo que lhe fêz)

1909

Coimbra, 13—2—909

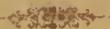


Este *sombreiro* é o tapa-chuvas politico debaixo do qual se abriga muito marôto e se comem fartas merendas. De varetas d'ação fino e seda rija—não garantindo a nacionalidade—ve-se hoje com o panno mordido da traça e aleijado nos arames, mettendo agua que é um arraso e incapaz de resistir á menor lufada de vento. E quando sopra do nordeste e vem da Grova, vira logo—que é um rato!

Este guarda-chuva é bom de conhecer quer se deixe á entrada da igreja junto da pia d'agua benta, na sala d'espera de qualquer repartição, no correio, no escriptorio do Miguelinho, no café do Candido, ou na cosinha do Marcelino... não é nosso, é d'elles.

E se ha alguém que lhe encontre merecimento—pela extravagancia, porque ainda ha gostos esquecidos—passe para cá 30 reis e pegue no guarda-chuva!

Cautella ao agarrar na cacheira porque o descollamento é certo.





**P**ORCO immundo e mau que tens o Ó das coisas feias! A ti clamamos, a ti bradamos, os degredos d'esta terra cuja gloria são os saborosissimos presuntos — como á Murcia transmontana a immortalidade pertence á sua porca. Aqui sem o porco não se é nada. A graça estonteante dos salões, a fina verve d'um dito de bom humor para quando cheire a finado, o grande conhecimento de tudo, como se conhecer as cousas bastasse cheiral-as, tudo, tudo alli está concretizado. Melgaço sem o porco não é nada, abre falencia e os mais fallidos são os credores — falencia na alma, no coração, na grandeza de sentimentos, na honradez, na dignidade, no aplomb da gente séria etc., etc. Mas o bicho é máu, focinhento, roncador e manhoso cujo pélo sedoso e duro só para um lado cresce, ajudando as artes da sapataria antiga, primo co-irmão do que os lavradores de Lamas offereceram ao Las-Casas.

Teimoso, a vontade que o domina é ir p'ra frente, nada recelando, quer aviste o estadulho que o amedronta, quer ouça os toques d'uma fanfarra. Depois... estas a vel-o! — é trancada de mistar elle e focinhada á farrura.

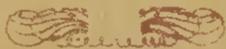
Gambias fracas que a custo lhe aguentam a carreira, está no focinho o seu apoio, a sua móla de força. E' por isso que desenfreado, ou antes, arrebatando o cortelho, eil-o pela villa fóra, estercando á porta de quem quer, tombando creanças, investindo com as carroças, licenças de lixo e ás vezes com as castanheiras e seus competentes fogareiros.

Assusta-o o movimento d'uma nóra, o tear d'uma tecedeira, uma machina de costura e pelo, que tem mais horror é pelo esguicho apertado e estreito d'uma taça que a paciencia juvenil fez construir — cujo arrebite e uma teimosia destruiu. Um dia achando-se folgasão e não podendo socegar instinctos da selva foi para a praça, fazendo o gaudio do rapazio malcreado e irrequieto, na esperança d'alguma conquista amorosa como se Cupido lhe abrisse as pandas azas...

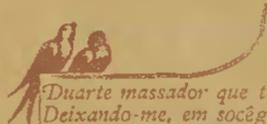
Ha quem sentindo-lhe a patada queime rosmaninho, palhas-alias e faz crepitar o sal ao calor da brazeira. Dir-se-hia, que as mães aos peitos os filhinhos apertaram, arrecelando-se de tão negro bicho.

Bicho de Carnaval, é n'um prato de bem cosinhada orelheira que uma, duas tres dentadas não bastam!...

P'ro anno, se vivos fórmos, augmentamos o numero de ellas... ou das orelhas, ou das dentadas.



Zai... ó Duarte...



Duarte massador que te safaste  
Deixando-me, em socêgo finalmente,  
Massa todos e massa toda a gente  
E viva eu sempre longe, grande traste!

Se d'ahi, lá p'ra onde te raspaste.  
Melgaço um dia te acuda á mente,  
Não te esqueças jámais d'esta valente  
Massada sem equal que me pregaste!

E se vir que não posso escorraçar-te  
A mania que a ti se te apeçou  
De m'obrigar, a t'er que supportar-te

Eu pedirei ao tães que te levou  
Que tão tarde eu só torne lobrigar-te  
Quão tarde dos meus olhos te levou!

DEBÉ

A miração era subtil mas despegou-lhe o chapcu que era prestes a desaparecer no regato. Valeram os prestantes socorros do sr. vice-presidente que molhou a bota e o chispe.



**F**OI n'uma celebre sessão da caramba, que se resolveu secretamente e por unanimidade (agora raras vezes é por unanimidade) que se abrissem os gallinheiros carambaes e se expusessem ao consumo publico as carnes de patos municipaes para atenuar a crise carnicera que assola esta terra. Embora seja contra lei esta resolução, porque a escravatura já foi abolida, comtudo não deixa de ser util aos municipes, patos que tenham a summa felicidade de ser uma excepção á grande hecatombe das carnes dos patos carambaes, pois que o producto liquido, isto é, depois de ter levado na saquinha, reverterá em favor dos outros patos e a contribuição carambal será no proximo anno de 30 por cento, ficando assim este burgo equiparado ás outras localidades, onde Deus andou.

Fazei pois, o acto de contricção, ó patos carambaes, pois que o cutello de Diocleciano vae cair desapidadamente sobre as vossas cabeças e o pae Dias vae decretar do alto do seu throno senatorial a generalisação da perseguição até aos confins da Gallia e os seus perfectos inventarão exquitos martyrios que a luz do sol jámais viu.

Leva na saquinha, ó continuo do tribunal inquisitorial, os rendimentos das carnes dos patos e que o seu sangue venha sobre vossas cabeças, sobre as dos vossos filhos e sobre todos os patos que escaparem a esta carnificina e por todos os seculos seculorum!



UMA PESCA



**S**ENTADO sobre um rochedo, cigarro indolente ao canto da bôcca e uma canna de pesca na mão, Julio entregava-se ao seu divertimento predilecto a pesca.

Julio era um fidalgo de seus 18 annos. De estatura regular, rosto quasi imberbe, era sympathico sem ser bonito. Tinha todavia um genio ativo e bastante irritavel.

Passava os dias á beira d'um regato palrador, que gargalhando sem cessar na azenha de um moíño proximo parecia rir-se das extraordinarias pescarias de Julio.

N'aquelle dia porem ainda o peixe não ticha picado e Julio devéras arreliado, ora fazia ora desfazia o cigarro, n'uma impaciencia continua e crescente.

N'este estado foi interrompido pela melodiosa canção que uma galante pastora apascentando o rebanho ciciava com amor.

Desesperando de pescar alguma coisa, Julio levantou-se, espetou a cana n'um buraco e foi ver se com Cupido era mais feliz que com Neptuno.

—Bons dias, formosa pastora, começou elle, enleaes tão bem os corações com a doce magia das vossas cantigas que é impossivel ao feliz mortal que teve a ventura de vos ouvir esquecer-vos jámais.

—Guarde-o Deus, meu senhor retorquiu' ella, mas parece-me que faria melhor cuidando da isca dos seus anzoes do que desinquietando uma pobre rapariga.

—Não digaes tal, por um sorriso d'esses labios carnidados trocaria eu todos os thesouros do mundo.

—Aha! sim, valia a pena.

—Vale muito mais um dos teus tão meigos e amorosos olhares do que os fabulosos thesouros de todos os rajahs da India, e tanto assim que se prometteis acolher benevolmente o immenso amor que já sinto por vós, arran-jaremos o peixe que eu apanhar e o comeremos juntos; saber-me-ha melhor que comido em companhia da maior pinzeza.

—Não me parece que seja muito, mas, emfim aceito para não ser malcreada, respondeu a Rosita com alguma hesitação; vou apanhar alguns cavacos para o assarmos.

—Pois sim, mas não te demores muito.

Emquanto a pastora apanhava alguns garavatos que o ribeiro arrebatara na ultima chela, Julio embebido no mais delicioso sonho pegou na cana e continuou a pescaria.

—Então? perguntou a Rosita, chegando com uma boa abada de cavacos; parece-me que vamos ter uma ceia de arromba com a sua pesca.

Julio, inelo encavacado não respondeu.

—Olhe, continuou ella maliciosa, eu asso-lhe o peixe mas para me não chamar gulosa cedo-lhe o meu quinhão.

Julio sentia a raiva crescer-lhe no peito, e o peor é que os engulos e os barbos não queriam saber da isca.

—Tambem antes assim, continuou implacavel a Rosita, vejo ahi tanto peixe que podia ter alguma indigestão com a fartadella.

D'esta vez é que o nosso Julio ia explodir. Estava tentado a quebrar a canna na cabeça da pastora quando sentiu um puxão na linha.

Era peixe finalmente!

Animou-se-lhe o rosto e um sorriso de triumpho lhe assomou aos labios. Ia confundir a pastora que o tinha ralado com os seus gracêjos.

A linha continuava a ser puxada com violencia.

—E' peixe grosso, disse ella.

Levantou-se entusiasmado, ergueu a cana rapidamente e cahiu de costas!

O peixe era uma rã!!! Eradus.

A' LOS TOROS DE PUNTA...

5 BRAVISSIMOS 5



Todos los viernes á la una de la tarde serán lidados estos magníficos brutos, de las lezírias de Penso, en la plaza del Ayuntamiento.

Programa de la corrida

- Espada—El Chiquito de Queiron que por la primera vez hará la suerte.
- Badarilleros—Los dos Hermanos Pires, el Retrau de la Botica, y el Canhotiño.
- Picadores—El Zapatero y el Traficante (Gordito)
- Campinos—El muy coñocido y muy chulapo diestro el Amo y su compañero de luta el Bachilerito de San Martiño.
- Director de la corrida—El Cura de la Groba que es muy amable con los emp'leaos de la plaza.
- Chicos de la plaza—D. Xavier, D. Seberino e otros.

—Nadie se puede rir ó manifestar su approbation durante la corrida.  
Caciquismo, poca verguenza y habilidad, tales son los predicados de los chicos de la cuadrilla.  
Ay que mirar-lo! Ay que vel-o!  
—A' los toros, á los toros.



Estes 19 são os meus desenhos peccados mortaes. Foram as dezenove badaladas plangentes do meu fallecimento, as dezenove chagas, que originaram a minha morte, as dezenove sarcasticas gargalhadas com que os meus adversarios me acompanharam á tumba?  
Malditos 19—até parece que foi uma esmola!!!

O carnaval em Paderne

O Furrica e o mano aurificio, fazem cá no sitio coisas do Diabo, chistosas, genuinamente carnavalescas.

Furrica, anda encommodado, n'aquelle sitio melindroso, com uma enorme dentada que, com a sua enorme dentuça lhe pregou o visinho fronteiro. Mas ó que dentada?! de tal quillate foi ella, que parte da supra dita ferragem do visinho, já algo abalada, por chuchar tantos rebuçados —que são da sua lavra,—estás a ver, se lhe introduziu no meliadrosissimo orificio, sendo incompetente a tenta do mano para lh'a extrahir, suppondo o referido mano, que já esteja alojada em qualquer sitio da sua diminutissima pança. O aurificio mano do supra citado Furrica, de tanto que tem sido e espicaçado e cocado a sua mimosa caréca, ficou completamente descabellado, constando-mos, que vae comprar um chinó para supprir a falta dos seus lindos e já idos pelinhos.

O visinho de cima enfiado, qual salpicão na sua enorme toga, ri a bandeiras despregadas, mostrando o defeito causado pela falta da ferragem que o debaixo, tem espetado... no tal sito.

Quando, em plena Corredoura, passelem juntinhos, são juntinhos. Isso é que é festa—é mesmo de rir a bandeiras despregadas. Se lhes parece?! Furrica, porque lhe arde o... tal sitio, não tira de lá a sua incommensuravel manapuia; o mano, qual mórdomo de qualquer festa, sempre de cachené enroscado na pinha, para lhe não verem a caréca, parece mesmo o Feiticeiro a tocar na sua caixinha qualquer marcha de guerra; o visinho, estás á ver o viróscas, quando olham para elle, vira-se para o outro lado, para lhe não dar o sol nas costas, e lhe não ver a sua defeltuosa ferragem.

Carnaval, pois, como este, nunca vimos em Paderne, sendo da mesma opinião os actogenarios cá da nossa freguezia.

Toca a reinar meus senhores, que a occasião é propria.



Francisco M. da Costa e Silva

PROPRIETARIO DA SAPATARIA CENTRAL EM VALENÇA DO MINHO Rua de Conselheiro Lopes da Silva

N'este estabelecimento, encontra-se um variado sortido de calçado para homens, senhoras e crianças, sendo de notar que a solidez, bom acabamento e optimos cabedades empregados, junta-se a modicidade de preços, facto incontestavel que levou a SAPATARIA CENTRAL o largo credito de que goza e os numerosos freguezes que todos os dias a procuram.

N'esta casa, não só se executa obra nova em todas as qualidades e feitios, mas tambem e fazem todos os concertos com a maior solidez e sempre cabedades de 1.ª qualidade.

Tambem tem um grande sortido de pomadas allemãs e americanas, para conservação do calçado, e em todas as côres, que vende por preços sem competencia.

Por contracto que fez com a viuva do fallecido João Alves da Cunha, participa aos ex.ªs freguezes de Melgaço que todos os dias e de cada mez recebe as suas estimaveis ordens na pharmacia do sr. Araujo.

CARTÕES DE VISITA

Desde 300 a 600 réis o cento.

TYPOGRAPHIA DO

JORNAL DE MELGAÇO

ESTA officina encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes, programmas para theatros, mappas, cartas funebres, memorandums, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias e juntas de parochia, etc.

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes.

PREÇOS MODICOS

CARTÕES DE LUTO

Desde 600 a 800 réis o cento.

OFFICINA DE FUNILEIRO E PICHELEIRO

—DE— JOÃO BAPTISTA REIS

FUNDADA EM 1880

RUA DA CALÇADA—MELGAÇO

Construem-se gazometros para produzir gaz acetyleno. O triumphante aparelho automatico sem rival, e superior a todos os systemas até hoje conhecidos. Isento de perigos, de funcionamento absolutamente garantido e perfeito, recommenda-se pela sua simplicidade, segurança e economia.

Executa-se em todos os tamanhos, com um ou dois geradores, podendo servir para iluminação de casas particulares, commerciaes ou villas.

Encarrega-se da montagem de canalisações para agua ou gaz em qualquer terra do paiz e da compra de tubos de ferro ou chumbo, torneiras, bicos, carboneto de calcio, candieiros e todos os seus accessorios, desde o mais simples aos mais luxuosos, para o que tem correspondencia directa com as mais importantes casas, no genero, de Lisboa e Porto.

Executa com perfeição toda a obra concernente á sua arte, por mais difficil que seja, tanto em metaes como em folha, zinco, chumbo e ferro zincado.

Preços limitadissimos

GAZOMETROS CONSTRUIDOS NESTA OFFICINA:

- 10.º—Para a casa de morada do sr. Domingos Ferreira d'Aranjo, d'esta villa.
11.º—Para a «Perola do Minho» de sr. Armindo de Lourdes Lourenço, n'esta villa.
12.º—Para o «Café Melgacense» do sr. José Cândido Lopes.
13.º—Para a sêde da Associação de Soccorros Mutuos «Centro Artístico Melgacense».
14.º—Para a vivenda e casa commercial do sr. Antonio Augusto d'Araujo, em S. Gregorio.
15.º—Para a vivenda da «Serra», em Prado, propriedade da ex.ª sr.ª D. Sarah Solheiro d'Oliveira.
16.º—Para o «Restaurante e Café Brazil», no Pezo, do sr. Luiz José Couteiro.
17.º—Modificação para o seu systema sem rival no aparelho vindo de Vigo para o sr. José Ferreira Las Casas, d'esta villa.
18.º—Modificação para o seu systema sem rival no aparelho vindo do Porto para o sr. José Barbosa Martins, de S. Martinho d'Alvaredo.
19.º—Para a casa de morada do sr. dr. Manoel Joaquim Gonçalves, d'esta villa.
20.º—Para a «Padaria Progresso» do sr. João da Cunha Moraes, d'esta villa.
21.º—Pequenos gazometros para a iluminação publica, d'esta villa.
22.º—Para a casa de morada do sr. Luiz Maximo Ferreira, em Remoães.
23.º—Para a sêde da «Associação União Melgacense».

COLCHOARIA DE Joaquim Peixoto Alves. COFRES legitimos á prova de fogo. FOGÕES de fogo circular, com caldeiras cylindricas, para lenha e carvão. CAMAS de ferro e metal. — LAVATORIOS de ferro. LOUÇAS de ferro esmaltado e estanho. COLCHOES e ENXERGÕES de palha, folhelho, lã, crina e sumama. BANHEIRAS, BALDES, BACIAS e todas as obras de zinco. EXECUYTA TODAS AS OBRAS DE FERRO. OFFICINAS: 51, Cima de Villa, 33. DEPOSITO: 129, Sá da Bandeira, 133. PORTO.

Ourivesaria e relojoaria UNIÃO —DE— PONTE & MAIA PRAÇA DE DEU-LA-DEU, 78 E 81 —MONSÃO—. N'ESTE estabelecimento recentemente montado encontra-se um completo e variado sortido de objectos d'ouro e prata, crystaes guarnecidos a prata e ouro, relgios de algibeira tanto para homem como para sephora (últimos modelos), ditos de sala e meza e um variado sortido em estojos e objectos para brindes. Longines, relgios d'alta precisão. Fazem-se todos os concertos em ouro e prata assim como em relgios, garantindo todos os seus trabalhos. Aos excellentissimos freguezes e ao publico em geral recommendamos que não comprem n'out.ª parte sem primeiro visitarem o nosso estabelecimento na praça de Deu-la-Deu ou o da rua do dr. Luiz José Dias, pertencente á mesma firma. Os proprietarios d'estas duas ourivesarias percorrem todas as feiras circumvisinhas onde recebem ordens dos seus estimados freguezes. Preços os mais modicos.

HISTORIA DE PORTUGAL Edição popular e illustrada, sob a direcção do notavel artilheiro ROQUE GAMEIRO. A mais util, mais luxuosa e mais barata de quantas publicações se tem tentado a cabo em Portugal. Dirigit os pedidos de assignatura.—LISBOA, Parceria A. M. Pereira, rua Augusta, 50 54; Livraria Moderna, rua Augusta, 95. PORTO, Qualitino Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º e a todas as livrarias do paiz. Estão publicados 11 FASCICULOS e 2 TOMOS que se enviam mediante 60 réis cada fasciculo e 300 réis cada tomo, a quem os requisitar á rua Augusta, 95, para onde, deve ser dirigida toda a correspondencia. TOMOS MENSAES Contendo 5 fasciculos com mais de 20 MAGNIFICAS GRAVURAS além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc. Preço de cada tomo 500 réis 500. FASCICULOS SEMANAES Contendo 2 folhas de 8 paginas cada, a 2 columnas, 4.º grande e inserindo, pelo menos 4 MAGNIFICAS GRAVURAS além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc. Preço de cada fasciculo 60 réis 60.